



HISTÓRIA DE

**ZÉZINHO**

**E**

**MARIQUINHA**

TROVADOR JAGUARARI



HISTÓRIA DE  
**ZÉZINHO E MARIQUINHA**

Direitos adquiridos e registrado de acôrdo com a lei na  
Biblioteca Nacional



RUA IPANEMA, 772 — FONE: 93-1374  
SÃO PAULO - 6

TROVADOR JAGUARARI



**HISTÓRIA DE  
ZÈZINHO e MARIQUINHA**

Eu vou contar a história  
De Zèzinho e Mariquinha  
Onde Cupido botou  
Todos amôres que tinha  
Mas o destino dos dois  
Trouxe sorte bem mesquinha.

Aqui nesta minha trova  
Vos digo a verdade pura:  
O amor nasce da alma  
Se acaba na sepultura  
Mas quando não se tem sorte  
Termina na desventura.

Mariquinha era filha  
De um senhor milionário  
A riqueza da família  
Não é romance lendário:  
Superou Pedro Segundo  
No terceiro centenário.

Zèzinho, menino pobre  
E filho dum sapateiro  
Como se sabe, o artista  
Mesmo ganhando dinheiro  
Quando paga o alfaiate  
Tem conta no açougueiro.

Mariquinha se criou  
Num bonito palacete  
Que da grade até à porta  
Ornava lindo tapete  
Com desenho dum anjinho  
Tocando seu clarinete.

Os aquários no jardim  
 Eram bordados de ouro  
 Piscinas de esmeralda  
 Demonstravam seu tesouro  
 Tinha o retrato de Vênus  
 Como coroa de louro.

Mariquinha aos doze anos  
 Entre canteiros de rosa  
 Era a estrêla matutina  
 Quando nasce radiosa  
 Das duas não se sabia  
 Qual seria a mais formosa.  
 Seus cabelos ondulados  
 Tinham do berilo a côr  
 Fascinavam como as penas  
 Do brilhante beija-flor  
 Seu sorriso um alfinete  
 Abrindo a rosa do amor.

Nesse tempo freqüentava  
 Boa escola na cidade  
 Era a mais inteligente  
 Das jovens de sua idade  
 Além de nobreza tinha  
 Bom grau de civilidade.  
 Zêzinho aluno também  
 Rapazinho inteligente:  
 Lia, escrevia, contava  
 Ninguém pisava na frente  
 Era pobre, bem verdade  
 Mas, bem vestido e decente.

Mariquinha possuía  
 Uma criada e amiga  
 Que desde a infância dela  
 Se tornara sua liga  
 Duas almas num só corpo  
 Onde nunca houve intriga.

Zêzinho viu Mariquinha  
 No caminho da escola  
 Ali ficou deslumbrado  
 Pensou em sua cachola:  
 Se não me casar com ela  
 Arrisco a perder a bola!

Também ficou Mariquinha  
 Grandemente apaixonada  
 De Zêzinho se tornou  
 Coleguinha e namorada  
 Mas disso só quem sabia  
 Era sômente a criada.  
 No caminho da escola  
 Zêzinho com Mariquinha  
 Andava de braço dado  
 Quando ia e quando vinha  
 E se um tinha saudade  
 O outro saudade tinha.

Zêzinho que trabalhava  
 Na sua sapataria  
 Batia sola e lustrava  
 Sapatos da freguesia  
 De casar com Mariquinha  
 Sonhava com êsse dia.  
 Mariquinha astuciosa  
 Não deixava de mandar  
 Sapatos pela criada  
 Para Zêzinho lustrar  
 Enviava bilhetinhos  
 Para se comunicar.

Certo bilhete dizia:  
 "Benzinho do coração  
 Há dias que não te vejo  
 Não me faça ingratição  
 Queria te ver, ao menos  
 De passagem em meu portão.

Que noites de lua cheia  
Com seu imenso esplendor  
A lua é rosa do céu  
No canteiro do Senhor  
Eu a rosa iluminada  
Pela luz do teu amor..."

Ele assim lhe respondeu:

"Minha bela Mariquinha

Hora bendita, feliz

Recebi tua cartinha

Desculpe este meu silêncio

E aceite lembrança minha.

Mariquinha, meu amor

Você mostra que me ama

De teu amor no meu peito

Cupido acendeu a chama

Mas eu vivo igual a flor,

Que murcha pende na rama.

Porque sabes que a pobreza

Da pessoa apaga o brilho

Tu és rica e eu sou pobre

É apagado o meu trilha

Vindo à lume nosso amor

Deve haver grande empecilho".

Noutro escrito ela lhe disse:

"Zezinho, por teu amor

Enfrentarei o perigo

De que qualidade for

Mais vale um pobre e honrado

Do que rico sem pudor".

Certo dia que Zezinho

Seu bilhete respondia

E no uso de costume

Dentro do calçado ia

Quem pegou foi a mãe dela

E o segredo descobria.



Têda arrebitada a velha  
Zangou-se como lacrau  
Contou tudo ao espôso  
Que era um velhote mau  
E por besteira qualquer  
Levava gente no pau.

O velho chegou da rua

Com carranca de ferreiro

A velha disse: — Não sabes?

Há um caso desordeiro:

Mariquinha namorando

O filho do sapateiro...

O velho naquele instante

Inchou a veia da testa

La haver lindo banquete

Mas êle acabou a festa

E ficou mais carrancudo

Do que leão na floresta.

Chamou Mariquinha e disse:

— Minha filha, venha cá

É nobre nossa família

Não tem gente labuá

Como é que um sapateiro

Te manda êste "be-a-bá"?

Ela lhe disse: — Meu pai

Amor eu tenho a Zêzinho

Estudou junto comigo

Não é qualquer rapazinho

É letrado e alinhado

Só que o pai é pobrezinho

Sujeita, lhe disse o velho:

— Eu te bater nunca quis

Porque não é só batendo

Que se faz um lar feliz

Mas se amar um malandro

Devo quebrar teu nariz!

    Sendo você minha filha

    Preciso lhe castigar:

    Dar-lhe prisão rigorosa

    Quero ver quem vem livrar

    E ao sujeito bandido

    É tempo de deportar!

À noite Zêzinho foi

Ao portão de sua amada

Bonita roupa de linho

Resplandecendo engomada

Era um passeio ansioso

Mas não via a namorada.

    Lá para as tantas da noite

    A criada apareceu

    Viu Zêzinho passeando

    Na calçada, bem de seu

    P'ra dizer à Mariquinha

    No momento ela correu.

Quando Zêzinho deu fé

Lá se vem sua formosa

Fascinante como estrêla

Perfumada como rôsa

Risonha como uma flor

Ri, na campina amorosa.

    Chegando deu-lhe um beijinho

    Com respeito e com amor

    Deixando-lhe do seu hálito

    Perfume de tôda flor

    Perpétua recordação

    Paixão, amizade e dor.

Foi dizendo: — Meu benzinho

Meu aviso é logo cedo:

Minha mãe pegou a carta

Descobriu nosso segrêdo

O velho quer te prender

E mandar para o degrêdo.

    Tome aqui 50 contos

    Mais êste anel de valor

    Prova de minha amizade

    Lembrança do nosso amor

    Vá fazer sua fortuna

    Na vida de mercador.

Estavam nessa conversa

Quando o velho apareceu

Tinha o bigode assanhado

Imitando fariseu

Assombrou-se a vizinhança

Só dum berro que êle deu.

    Para Zêzinho falou:

    — Que faz aqui, seu canalha?

    Te mostro com quantos paus

    É que se faz a Cangalha

    Pois meto tua cabeça

    Na caldeira da fomalha.

Nisso sacodiu o braço  
 P'ra dar um murro em Zêzinho  
 Zêzinho esguiou o corpo  
 Pegou-lhe no colarinho .  
 Deu-lhe conselho bonito:  
 Com dois tapas no mocinho.  
     Ouvindo êsse reboliço  
     Apareceu no flagrante  
     Um negrão do dito velho  
     Parecendo um elefante  
 Zêzinho disse: — Com êsse  
 Só se eu fôsse gigante.

Saiu Zêzinho correndo  
 Na casa do pai entrou  
 Êsse duro acontecido  
 Êle aos velhos contou  
 Pegou a mala de roupa  
 No mundo velho arribou . . .  
     Tinha no pôrto um navio  
     De navegante estrangeiro  
     Êle comprou a passagem  
     Para o Rio de Janeiro  
     Deixando os pais e a noiva  
     No auge do desespero.

No outro dia bem cedo  
 Foi o pai de Mariquinha  
 À casa do delegado  
 Disse o que bem lhe convinha  
 E para prender o moço  
 Foi praça até da marinha.  
     Foram à casa de Zêzinho  
     Para fazer a prisão  
     Porém Zêzinho já estava  
     Rumando na direção  
     Da ex-capital federal  
     Que era da nossa Nação.

Até que um soldado velho  
 Investigou um a um  
 Dizendo: — Veja o anel  
 Que não há "bôlo" nenhum  
 Eu não digo p'ra ninguém  
 Evita o tu-run-dun-dum.

O anel vale um milhão  
 Você dá-me uma gorjeta  
 Pode vender noutra parte  
 Deixa a vida de "marreta"  
 Do contrário você fica  
 Prêso aqui nesta dureta.

Com isso a mulher que tinha  
 Aquêl anel de valor  
 Lhe disse: — Eu tenho o anel  
 E como diz o senhor:  
 Vendendo, o nosso dinheiro  
 Criará até bolor . . .

O soldado foi com ela  
 Trouxe a jóia preciosa  
 Para a justiça entregou  
 Naquela hora ditosa  
 Zêzinho, ao recebê-la  
 Só pagou uma gazosa.

Voltou Zêzinho a lustrar  
 Sapatos da freguesia  
 Tinha um pouco de dinheiro  
 Prosperava dia a dia  
 E sempre p'ra Mariquinha  
 Uma cartinha escrevia.

Só nunca mandou dizer  
 Que estava na quebradeira  
 Êste contraste da sorte  
 Para êle era besteira  
 Se tinha amizade nova  
 Tinha o amor na primeira.

Nas serenas madrugadas  
O navio flutuante  
Zèzinho olhava o Cruzeiro  
No firmamento, brilhante  
Um riso de Mariquinha  
Seria mais fascinante.

O navio entrou na barra  
Um certo dia feliz  
Èle viu a Carioca  
Ex-capital do seu País  
O colorido das casas  
Como a selva tem matiz.

Saltando èle no Rio  
Procurou um bom hotel  
Todo mundo admirava  
O brilho do seu anel  
Julgava-se que Zèzinho  
Fôsse até um bacharel.

Diversos dias passou  
Tomando conhecimento  
Crescia o pé da saudade  
Brotava a flor do tormento  
Mas èle tinha no peito  
O broquel do casamento.

Zèzinho comprou no Rio  
Uma loja de calçado  
Porém depois percebeu  
Que tinha sido roubado  
Um vigarista lhe havia  
Passado um "conto" danado.

Perdendo todo o dinheiro  
Sofreu o pobre Zèzinho  
Até mesmo o hoteleiro  
Torceu a èle o focinho  
Pois o homem sem dinheiro  
Na vida só topa espinho.

À procura de emprêgo  
Andou Zèzinho na rua  
Se batia e não achava  
Maldizia a sorte sua  
Pois, nas cidades estranhas  
O forasteiro flutua.

Chegava à noite com fome  
E o dono do hotel  
Dizia: — Por que você  
Não me vende o seu anel?  
Você já dexe bastante  
Não fio nem um pastel.

Disse Zèzinho p'ra èle:  
— Seja melhor companheiro  
Não sabe que quando eu tinha  
Pagava-lhe o mês inteiro?  
Èle disse: — Mas p'ra mim  
Só vale quem tem dinheiro.

Saía o pobre Zèzinho  
Na rua, perambulando  
Pelos bancos dos jardins  
Na sua vida pensando  
Porém os guardas civis  
Logo iam o levantando.

Certo dia numa rua  
Muito bem movimentada  
Èle viu um engraxate  
Que não perdia parada  
Muito boa freguesia  
De gente civilizada.

Também havia uma placa:  
"Vende-se esta cadeira  
É preço de ocasião  
Porém, não é quebradeira  
É que o proprietário  
Vai para a terra estrangeira".

A jovem assim perguntou-lhe:  
 — Quem é que te deu êsse anel!  
 Ele disse: — Meu padrinho  
 Que no Norte é coronel  
 Dizendo assim suspirava  
 Por sua amada fiel.

Ela lhe disse: — Êsse anel

Quem te deu foi tua fã  
 Confiança guardas nêlo  
 Porque é um talismã  
 Disse Zêzinho: — Você  
 É cigana mas pagã! . . .

Nisso o velho para a velha  
 Por êstes têrmos dizia:  
 — Zêzinho é moço direito  
 Sincero e de fidalguia  
 É devera se casar  
 Com nossa filha Luzia.

A uma hora da tarde

Zêzinho se despediu  
 Disse adeus a todo o povo  
 P'ra sua casa partiu  
 Luzia ao dizer-lhe adeus  
 Dos olhos pranto caiu . . .

E na semana seguinte  
 Era quadra de Natal  
 Zêzinho estava tranqüilo  
 Na casa comercial  
 Quando olhou, lá vem a jovem  
 Como um anjo terreal.

Chegando a êle abraçou  
 Com o mais risonho carinho  
 Dizendo: — Tu és o astro  
 Que cruzou o meu caminho  
 Juro que, se me enjeitares  
 Será meu desencaminho.

Mas tem ali um senhor  
 É ourives abastado  
 Pode emprestar o dinheiro  
 Com o anel penhorado  
 Você faz o seu negócio  
 Vai ganhar o seu cruzado.

Indo à casa dêsse homem  
 Zêzinho com seu anel  
 Logo o homem percebeu  
 Que a jóia era fiel  
 Esmeralda de primeira  
 Tão verde como o vergel.

Mas, para pagar barato  
 O anel do forasteiro  
 Começou dizendo assim:  
 — É anel feito à ferreiro  
 Esta pedra é de cristal  
 Sou perito faisqueiro.

Se quer um conto de réis  
 Darei, devido a platina  
 E mesmo você precisa  
 Sofrendo o transe da sina  
 Você é homem, eu sou homem  
 A humanidade combina.

Zêzinho disse: — Não vendo  
 Nem mesmo por um milhã  
 Sinto fome, bem verdade  
 Mas hei-de ganhar o pão  
 Penhorarei em contrato  
 Dando a renda de razão.

Foram lá, vieram cá  
 Preço vai e preço vem  
 O ourives já lhe dava  
 Mais quatro contos e cem  
 Um soldado à paisano  
 Foi chegando ali também.

Vendo o soldado êsse anel  
De uma pedra fascinante  
Esmeralda valorosa  
Muito mais do que brilhante  
Supôs que aquilo era furto  
E apreendeu no instante.

Prêso, debaixo de ordem  
Lá foi o pobre Zêzinho  
Perguntou-lhe o delegado  
Onde achara o anelzinho  
Êle disse: — É de meu uso  
Presente de meu padrinho.

Mas seu coração sabia  
Que essa jóia de valor  
Era prova de amizade  
E juras de seu amor  
Dinheiro nenhum da terra  
Seria superior.

O hoteleiro ao saber  
Que Zêzinho estava prêso  
Falou para o delegado  
Que ficara bem surprêso  
E que o rapaz era o dono  
Dêsse anel de brilho aceso.

O delegado o soltou  
Êle foi para o hotel  
O hoteleiro arrumou-lhe  
Os dois contos de papel  
Guardando documentado  
Êsse precioso anel.

Zêzinho logo comprou  
A cadeira de engraxar  
E logo meteu o peito  
Com coragem a trabalhar  
Tinha agora seu dinheiro  
Dava até para ajuntar.



Com dois meses, mais ou menos  
Desempenhou seu anel  
Pagou dois contos e tanto  
De comida e aluguel  
O hoteleiro louvou  
De Zêzinho o bom papel.

Zêzinho bem satisfeito  
Com a sua freguesia  
Lustrava todo calçado  
Dos grandes da burguesia  
Com sua jóia no dedo  
Mais atenção atraía.

Corria sempre a notícia  
Que um jovem de belo porte  
Vivia de engraxate  
Pelo destino ou a sorte  
Mas no dedo tinha a prova  
De tradição muito forte.

Muitas damas da cidade  
 Na cadeira de Zêzinho  
 Ficavam bem atraídas  
 Com o dito rapazinho  
 E vendo aquela esmeralda  
 Diziam: — É um doutorzinho!  
 Uma jovem certo dia  
 Foi os sapatos lustrar  
 Vendo o anel de Zêzinho  
 Encandescente a brilhar  
 Pediu amigavelmente  
 P'ra na sua mão olhar.

Zêzinho deu-lhe o anel  
 Ela se pôs a olhar  
 Seu calçado já havia  
 Acabado de lustrar  
 Quando um sujeito queria  
 Uma mulher esmurrar.

A mulher naquele instante  
 Com Zêzinho se agarrou  
 O sujeito furioso  
 Zêzinho logo enfrentou  
 A jovem com o anel  
 Nessa bagunça azulou.

Quando a briga terminou  
 Nem a jovem, nem anel  
 Zêzinho logo deu parte  
 Ao tenente-coronel  
 Era um truque de ladrões  
 Furtando o moço fiel.

A polícia investigou  
 O sujeito e a mulher  
 Mandaram chamar a jovem  
 Sem achar pista sequer  
 Mas o anel caladinho  
 Na algibeira de qualquer.

Mariquinha não dormia  
 Pensando no seu benzinho  
 Na hora que cochilava  
 Só sonhava com Zêzinho  
 Com doce fala de amor  
 Fazendo terno carinho.

Mas o navio apitava  
 Quebrando as ondas do mar  
 Tôda a noite os marinheiros  
 No tombadilho a cantar  
 Zêzinho, pela saudade  
 A gemer e suspirar...

Zêzinho no camarote  
 Lembrança e saudade tinha  
 Pensando nos pais e manos  
 Desde a tarde à manhazinha  
 Tendo a falta das carícias  
 E beijos de Mariquinha.



Certo dia um bom senhor  
 Foi lustrar o seu sapato  
 Vendo aquêlê lustrador  
 Um rapaz de belo trato  
 Entraram em conversação  
 Arrumaram bom contrato.

É que o dito senhor  
 Tinha uma casa de couro:  
 Cromo, oleado, pelica  
 Dessa choviscada a ouro  
 Só faltava um empregado  
 Que resolvesse o tesouro.

Zêzinho que conhecia  
 De couro, cromo e cortume  
 E como contabilista  
 Tinha ciência e costume  
 Resolvía tudo bem  
 Que muitos tinham ciúme.

Essa casa prosperou  
 De modo que admirava  
 O dono proprietário  
 A Zêzinho muito amava  
 Nos dois anos de trabalho  
 Zêzinho a sócio passava.

Esse sócio de Zêzinho  
 Certo dia o convidou  
 Para com êle almoçar  
 Zêzinho pronto aceitou  
 Trocou de roupa na hora  
 E para a casa marchou.

A casa era um palacete  
 Num pitoresco lugar  
 Uma colina a Oeste  
 Para o nascente era o mar  
 Jardins e pés de palmeiras  
 Pela brisa a flabelar. . .

Quando Zêzinho chegou  
 Todo o povo o recebeu  
 A jovem filha do homem  
 Como rosa apareceu  
 Parecia até um anjo  
 Que sorri no apogeu.

Dizendo adeus a Zêzinho  
 Apertou a sua mão  
 Fazendo bôca de riso  
 Corada de sensação  
 Zêzinho também sentiu  
 Circuito no coração.

Sentaram-se ali à mesa  
 Ela perto de Zêzinho  
 Só fazendo que comia  
 Mastigava um bocadinho  
 Olhava p'ra êle e ria  
 Com ternura e com carinho.

Zêzinho olhava p'ra ela  
 Que, com lábios de sorriso  
 Era a rosa proibida  
 Do terrestre paraíso  
 Quem nela desse um beijinho  
 Perdia até o juízo. . .

Terminada a refeição  
 A moça saiu faceira  
 Nas teclas de bom piano  
 Pôs a mãozinha ligeira  
 Apaixonada tocando  
 Uma canção brasileira.

Depois saiu p'ra o jardim  
 Chamou Zêzinho a passeio  
 Zêzinho civilizado  
 Acompanhou sem receio  
 Lembrou-se de Mariquinha  
 Quando estavam no recreio.

Zèzinho que conhecia  
O trabalho de lustrar  
Supôs que tendo a cadeira  
Tinta e ponto singular  
Não podia enriquecer  
Mas dava para passar.

Perguntou ao engraxate:  
— Este ponto vale quanto?  
Èle disse: — Meu amigo  
Já achei um conto e tanto  
Mas por dois contos darei  
É “bolacha”, lhe garanto.

Zèzinho logo pensou  
De penhorar seu anel  
Para comprar a cadeira  
E pagar o aluguel  
A conta que já devia  
Há dias naquele hotel.

Disse para o hoteleiro  
Quero um negócio propor:  
— O senhor me confiar  
Aqui um certo valor  
E eu deixar êste anel  
Isto é, como penhor.

Porque não posso viver  
No mundo sem trabalhar  
Emprêgo não encontrei  
Porém devo me virar  
Vou comprar uma cadeira  
Para sapatos lustrar.

Respondeu-lhe o hoteleiro:  
— Zèzinho, eu compro o anel  
Mas emprestar o dinheiro  
Para mim não tem fiel  
Eu por dinheiro também  
Empenharia o hotel.

Zèzinho disse: — É, menina  
Tudo depende da sorte  
Tendo nós de nos casar  
Não há desdita que corte  
Mas, se o destino não der  
É mapa sem ponto Norte.

Duas semanas depois  
O velho pai da donzela  
Que percebera a paixão  
E o desespero dela  
Imaginou que Zèzinho  
Não recusaria ela.

E p'ra êle assim falou:  
— Zèzinho, você é meu  
Êstes bens que possuímos  
Tudo foi Deus que nos deu  
Aceita uma oferta minha?  
Sendo do contento seu.

Disse Zèzinho: — Conforme  
Nós dois bem nos combinamos  
Acho que em minha conduta  
Falta alguma nós achamos  
Diga aí sua proposta  
Que de já certos ficamos.

Disse o velho: — É que Luzia  
Está no tempo de casar  
Gosta muito de você  
Tenho visto ela chorar  
Me disseram que é pensando  
De você a recusar.

Zèzinho pensou um pouco  
Olhou para seu anel  
E viu que é cobardia  
A gente ser infiel  
E disse para seu sócio:  
— Não pense que sou cruel.

Ao sair de minha terra  
 Deixei uma namorada  
 Que tudo ela fêz por mim  
 E por mim é estimada  
 Eu jurei de que comigo  
 Seria ela casada.

Ela fêz seu juramento  
 Que eu seria seu espôso  
 Foi a dita que me deu  
 Êste brinde precioso  
 Êste anel é um condão  
 Dum coração amoroso.

Não quebrarei minha jura  
 Que Deus' vê e sabe tudo  
 Eu amei essa donzela  
 De criança, no estudo  
 Se eu der meu amor a outra  
 Raios me cortem miúdo!

O velho, ouvindo a Zêzinho  
 Disse: — Você tem razão  
 Eu também não gostaria  
 Jurasse com devoção  
 A minha filha e depois  
 Faltasse à obrigação.

O velho chegando em casa  
 Alarmou todo o passado  
 A filha bebeu veneno  
 Solimão precipitado  
 Em menos de meia hora  
 Tinha o corpo estorricado.

Êsse homem aborrecido  
 Devido a morte da filha  
 Quis arribar do Brasil  
 Viver em deserta ilha  
 Resolveu vender os bens  
 Seguir com tôda a família.

Para Zêzinho falou:  
 — Você em nada é culpado  
 Mas eu hei-de viajar  
 Por estar contrariado  
 Vamos dar nosso balanço  
 Cada um segue seu lado. . .

Deram balanço na casa  
 Deu vinte e oito milhões  
 Quatorze foi de Zêzinho  
 E quatorze dos patrões  
 Logo o povo viajou  
 Em duas embarcações.

Zêzinho milionário  
 Para seu pai escreveu:  
 "Meu pai, graças ao Eterno  
 A sorte me protegeu  
 Receba aí êste cheque  
 E tal dia espere eu! . . ."

Naquela mesma semana  
 O tal pai de Mariquinha  
 Arrumou-lhe um casamento  
 Fêz como bem lhe convinha  
 Para que com sapateiro  
 Não casar sua filhinha.

Foi marcado o casamento  
 Para doze de janeiro  
 O noivo de Mariquinha  
 Era um tipo garganteiro:  
 Dizia a todos que tinha  
 Sangue de Pedro Primeiro.

O velho pai de Zêzinho  
 Que a cartinha recebera  
 Levou o cheque no banco  
 Pôs o maço na algibeira  
 Comprou um carro de fogos  
 Coisas de tôda maneira.

Então, no dia marcado  
Grande navio apitou  
O velho foi para o pôrto  
Com Zêzinho se abraçou  
Dizendo: — Meu filho, hoje  
Mariquinha se casou! . . .

Êle p'ra casa chegou  
Bastante contrariado  
Mas, porque chegara rico  
Seu povo todo animado:  
Nos ares fogos subiam  
Girando p'ra todo lado.

Mariquinha que ouviu  
Foguete, bomba, morteiro  
E tôda aquela alegria  
Na casa do sapateiro  
Soube que era Zêzinho  
Vindo do Rio de Janeiro.

Ela, de véu e grinalda  
Deixou o noivo sôzinho  
Fingiu entrar no seu quarto  
Se sentar um bocadinho  
Rodeou pelo quintal  
Foi à casa de Zêzinho!

Entrou no meio do povo  
Estava a festa arrojada  
Dizendo adeus a Zêzinho  
Êle abraçou sua amada  
Deu um ataque e morreu  
Foi triste sua chegada.

Mariquinha foi p'ra casa  
Triste pela sua sorte  
Pedindo a Deus que lhe desse  
No momento sua morte  
Porque quem ela queria  
A desdita dera o corte.



O pai e mãe de Zêzinho  
Em prantos torrenciais  
Sabendo que seu filhinho  
Não viveria jamais  
Não abria a mão direita  
Nem a pedido dos pais.

Porém naquele momento  
Uma mulher advinha  
Profetizou que na mão  
Um juramento êle tinha  
Ninguém ali abriria  
Se não fôsse Mariquinha.

Foi o velho sapateiro  
À Mariquinha pedir  
Que fizesse êsse favor  
De a mão do seu filho abrir  
Que parecia mistério  
Precisava descobrir.

Ela no momento foi  
 Atender êsse pedido:  
 Pegou na mão de Zèzinho  
 Disse: — Zèzinho, querido  
 Abra esta mão e me dê  
 Meu juramento perdido.

Na hora êle abriu a mão  
 O anel alumiou:  
 Quando ela pegou a jóia  
 No momento desmaiou  
 E por cima de Zèzinho  
 Seu corpo frio tombou.

Todo o povo se assombrou  
 E voz estranha zumbiu:  
 "O homem nunca separe  
 Aquilo que Deus uniu"...  
 Casamento é o amor  
 Que um e outro sentiu.

Correu na hora a notícia:  
 Morreu, morreu Mariquinha!  
 Manjares das duas festas  
 Foi para cão e galinha  
 O noivo lá no palácio  
 Enforcou-se na cozinha.

No outro dia bem cedo  
 Viajaram três caixões  
 Todo o povo da cidade  
 Formou aglomeração  
 Olhando essas três vítimas  
 De amôres e de paixões.

Pai e mãe de Mariquinha  
 Não souberam que fazer  
 Viram então que no amor  
 Deve dar-se o parecer  
 Mas não se deve obrigar  
 Casar sem noivo querer.

O pai e a mãe de Zèzinho  
 Ficaram em plena riqueza  
 Mas um dinheiro sem graça  
 Tocado pela tristeza  
 Pois o rico miserável  
 Desviara a natureza.

O povo tem um ditado:  
 Quem é bom já nasce feito  
 Mas o poeta já diz:  
 Não tem bom sem um defeito  
 Seja homem com mulher  
 Case lá com quem quiser  
 N'alma planta amor perfeito.

Zèzinho muito sofreu  
 Sendo firme à Mariquinha  
 Ela também resistiu  
 Porém caiu na "trancinha"  
 Morreram de amor eterno  
 O velho foi pro inferno  
 Dando uivos da morrinha.



## É UMA PESSOA ESPERTA?

- 1 — Em casos de emergência sabes ser forte, escolher o bom caminho?
- 2 — Tens certas maneiras, por exemplo, a de ser muito meticulosa e ordenada e de querer a todo o custo terminar certo trabalho num dia fixado?
- 3 — Tornas-te nervosa e agressiva quando contrariada nos teus desejos?
- 4 — Consegues fazer com que teus filhos te obedecam sem os ameaçares e impor-lhes a tua vontade, sem te zangares?
- 5 — Tens coragem para expor as tuas opiniões, tal como realmente são, diante de qualquer pessoa?
- 6 — Depois de teres reconhecido tuas faltas, sabes confessá-las sinceramente?
- 7 — Depois de uma consulta médica segues as suas prescrições?
- 8 — Serias capaz de te sacrificar por uma coisa que ninguém chegaria a conhecer?
- 9 — És capaz de ir visitar uma pessoa de idade avançada e ficar com ela mais de três horas?
- 10 — Sabes encontrar desculpas "simpáticos" quando não queres receber alguém?
- 11 — Expões francamente as razões de um teu ressentimento?
- 12 — Sabes desculpar as faltas dos outros e comportar-te como se os não conhecesses?

- 13 — Sabes manter-te firme com teus filhos quando já disteste "não"?
- 14 — Comportas-te para com os outros como quererias que eles se comportassem para contigo?

Escreve um sim ou um não ao lado de cada pergunta. Se escreveste de 4 a 8 sinais uma vontade forte. De 2 a 4, vontade sofrível. De 9 a 12 é uma mulher cem por cento. Além de 12 tens uma vontade extraordinária.

## DEZ CONSELHOS ÚTEIS

Thomas Jefferson foi um moralista na vida prática. Ele deixou dez conselhos úteis:

- Não deixe poro amanhã, o que pode fazer hoje.
- Não gaste nunca o dinheiro antes de tê-lo ganho.
- Não compre nada inútil só por ser barato.
- Nunca lastime por não ter comido bastante.
- Quem trabalho com prazer nunca se cansa.
- Quem quer vai, não monda.
- A vaidade e o orgulho costum mais caro do que o fome e o sede.
- Comece sempre pelo principal.
- Precote-se contra cuidados e sofrimentos que só existem na imaginação.
- Conte até dez antes de falar quando não estiver satisfeito; e até cem, quando estiver irado.

## PARA CONTAR AOS SEUS FILHINHOS SÓ PARA OS PEQUENINOS

### TRAVESSURA CASTIGADA

Havia um grande palácio na terra, no qual os santos do céu costumavam reunir-se. Nêle, uns ficavam orando, outros davam voltas pelo mundo afora, a fim de ver o comportamento e a ordem dos homens.

Voltando ao céu narravam todas as acontecimentos a Deus.

Um dia, estando descuidados, entrou no palácio um belíssimo menino.

Quando São Pedro deu com êle, quis mandá-lo embora. Porém, como era muito bonito, os demais santos apelaram em levá-lo para o céu.

Nos primeiros dias, muito feliz, não incomodou ninguém. Depois, porém, começou as suas.

São João saíra e deixara o cordeirinho no céu; mais que depressa o garotinho pegou-o e foi escondê-lo, deixando-o sem comer.

Outro dia, fêz-se de muito sábio: pegou no serrote de São José com o fim de ajudá-lo, mas que! Partiu o serrote em dois pedaços.

Enquanto os Anjos e Santos cantavam louvores a Deus, puxava os cachinhos de São João, mexia no cordão de São Francisco, enrolava

as fitas douradas dos Querubins, balanceava as chaves de São Pedro. Um dia saltou sôbre o órgão de Santa Cecília, distraíndo a todos que, rindo, desafiavam o belo canto.

A pior de tôdas foi quando escondeu o chaveiro de São Pedro. Coitado! Não sabia onde procurá-lo...

São Pedro então apresentou ao bom Deus tôdas as queixas. Deus, porém, não expulsou do céu a criança, sômente a castigou.

Cumprido o castigo, o menino resolveu ficar bonzinho, mas o desejo de travessura era tanto que não se conteve. Novas queixas apareceram.

Deus, prevendo que seu futuro na terra seria triste, deixou-o ficar mais tempo, e fê-lo comparecer à sua presença. Sentiu-se muito envergonhado, mas foi e prometeu novamente emendar-se.

Saindo dali deitou a correr, e fêz tanto barulho, que fêz fugir todos os passarinhos do céu.

É por isso que êles agora fagem ao ver os meninos.

O travêso foi mandado à terra, transformado em pássaro, chamado papagaio. Muito turbulento e tagarela, distrai todo o mundo.

Um mestre para os enamorados:

# Secretário do Amor

Moderno e completo

Atualizado e atraente

Realmente útil

Fórmulas de cartas para todos os períodos do namoro e do noivado.



Pedidos à EDITORA PRELÚDIO LTDA.

Rua Ipanema, 772 — SÃO PAULO

O mundo moderno não admite "gafes" de etiqueta!

Atualize-se com o

# Manual de boas maneiras

Mestre eficiente de normas para um comportamento exemplar em qualquer oportunidade.



Pedidos à EDITORA PRELÚDIO LTDA.

Rua Ipanema, 772 — SÃO PAULO

# No Mistério do Sexo



Um livro para ser lido por pais e filhos.

A verdade que todos DEVEM saber sobre a vida sexual

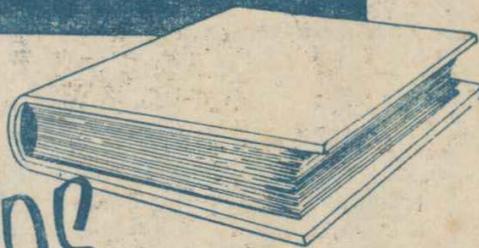
A verdade que todos os pais DEVEM ensinar aos filhos, sobre os problemas do sexo

A verdade que todos os filhos DEVEM aprender dos pais, sobre os problemas do sexo.

Um livro para ser lido por qualquer pessoa em qualquer lugar

UM LIVRO COMPLETO

## MANUAL DOS NAMORADOS



Um livro necessário e completo sobre o comportamento dos jovens na atual geração

Como e por que namorar?

A função do amor?

Como portar-se em determinadas ocasiões?

Esse livro responde todas as perguntas de maneira satisfatória

Se você ler vai gostar e aprender

Peça a seu vendedor ou a EDITORA PRELUDIO LTDA.

Rua Ipanema, 772 — São Paulo-6